

Coordenador Executivo Luke Dowdney

Coordenador Geral Viva Rio
ISER (Instituto de Estudos da Religião)
IANSA (International Action Network on Small Arms)

Pesquisadores Assistentes Anna Flora Werneck
Leriana Del Giudice Figueiredo
Marianna Olinger
Leila Lino de Souza Lima

Pesquisadores Locais Associados

Colômbia: Ivan Ramirez / Coalition to Stop the Use of Child Soldiers (Coalición Contra la Vinculación de Niños, Niñas y Jóvenes al Conflicto Armado en Colombia).

El Salvador: Marlon Carranza / Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, Instituto Universitario de Opinión Pública (IUOP).

Ecuador: Primary Researcher: Kleber Loor / Ser Paz; Assistant Researchers: Lidice Aldas / Ser Paz and Fernando Lòpez / DNI (Defensa de los Niños Internacional).

Honduras: Ernesto Bardales / Casa Alianza / Jha-Ja: Jóvenes Hondureños Adelante, Juntos Avancemos.

Jamaica: Primary Researcher and author: Michael Mogensen / Viva Rio; Assistant Researchers: Sharene McKenzie / Craig Town Youth Organisation; Kenneth Wilson / August Town Sports and Community Development Foundation; and Steadman Noble / University of the West Indies, Mona.

Nigéria: Mohammed Ibrahim / Centre for Democracy and Development.

Irlanda do Norte: Marie Smyth and Patricia Campbell / Institute for Conflict Research / Breen Smyth Consultants.

Filipinas: Agnes Zenaida V. Camacho / University of the Philippines, Center for Integrative and Development Studies, Psychosocial Trauma and Human Rights Program.

África do Sul: Ted Leggett / Institute for Security Studies.

Estados Unidos: John M. Hagedorn / University of Illinois-Chicago, Great Cities Institute.

Co-editores dos Relatórios de Países Jessica Galeria / Michael Mogensen

Estatísticos Luis Eduardo Madeiro Guedes
Marcelo de Souza Nascimento
Jorge Restrepo (Colômbia)

Tradução Jessica Galeria
Michael Mogensen
Carola Mittrany

Programador Visual Adriana Thevenard

www.coav.org.br

Editor: Mayra Jucá / Marcelo Monteiro
Jornalistas: Michael Mogensen, Carola Mittrany
Pesquisador Estagiário: Eugenia Viera

Apoio Financeiro

Save the Children Sweden
Ford Foundation
DFID – Department for International Development
World Vision
CasaAlianza

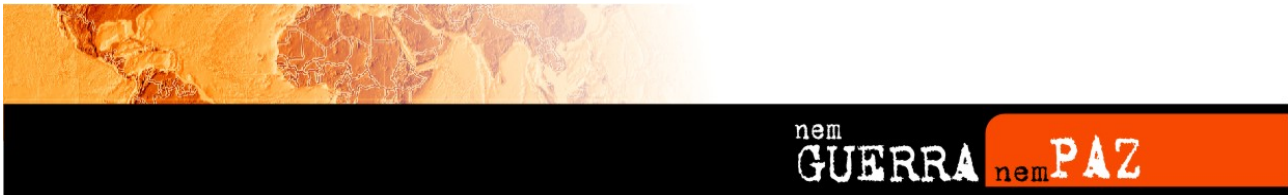
ÍNDICE

Prefácio de Paulo Pinheiro	7
Nota do Autor	9
Introdução: Rio de Janeiro e Mais Longe	10
Metodologia	13
Como Usar Este Livro	18
PARTE I – Grupos Armados Organizados	19
Perfil da Área de Estudo	22
Perspectivas Históricas	27
Estrutura de Comando	32
Relações com a Comunidade	36
Papel do Estado	41
Atividades Econômicas	44
Violência Armada	48
Tipologia dos grupos Armados Investigados	53
Fatores de Risco Comuns ao Surgimento E Existência Contínua dos Grupos Armados Investigados	61
PARTE II – Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada	64
Histórias Pessoais	65
Processo de Envolvimento	69
Vulnerabilidade e Resistência: por que as crianças ingressam em grupos armados	79
As Funções de Trabalho de Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada	96
Crianças, Jovens e Violência Armada	110
Ser Homem: as considerações sobre gênero de crianças e jovens na violência armada organizada	119
Perspectivas Futuras	122
PARTE III – Mortalidade Relacionada a Armas de Fogo	129
PARTE IV – Tratando o Problema de Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada	141
Políticas Públicas: tendências atuais no trato com crianças e jovens na violência armada organizada	142
Construindo Resistência Através de Intervenções de Prevenção e Reabilitação	156
Abordagens Estratégicas Integradas Para Prevenção e Reabilitação de Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada	169
Desarmamento, Desmobilização e Reintegração: trocando conhecimentos e rompendo fronteiras	176

PARTE V – Relatórios de Países	178
Colômbia: “Medellín: As Crianças Invisíveis do Conflito Social e Armado”, por Ivan Dario Ramirez	178
Equador: “As <i>Pandillas</i> e <i>Naciones</i> do Equador – Uma realidade terrível e uma tarefa desafiadora: das vítimas aos vitimizadores”, por Kleber Loor, Lidice Aldas e Fernando Lòpez	197
El Salvador: “Detenção ou morte: aonde os garotos ‘pandilleros’ de El Salvador estão indo”, por Marlon Carranza	210
Jamaica: “ <i>Corner Gangs</i> e <i>Area Gangs</i> da Jamaica”, por Michael Mogensen	229
Nigéria: “Uma Pesquisa Empírica Sobre Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada da Nigéria: <i>Egbesu Boys</i> , <i>OPC</i> e <i>Bakassi Boys</i> Como Estudo de Caso”, por Mohammed Ibrahim	245
Irlanda do Norte: “Os jovens e a violência armada na Irlanda do Norte”, por Marie Smyth e Patricia Campbell	259
Filipinas: “Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada das Filipinas: Contextualização, Histórias Pessoais e Opções Políticas”, por Agnes Zenaida V. Camacho	268
África do Sul: “Terugskiet (rebatendo fogo): Crescendo nas esquinas de Manenberg, África do Sul”, por Ted Leggett	291
EUA: “As Gangues Institucionalizadas e a Violência em Chicago”, por John M. Hagedorn	312
PARTE VI – Conclusões e Recomendações	330

DIAGRAMAS

2.1 Estágios de Envolvimento	71
2.2 <i>Fatores de risco e Influências</i> num Ambiente de Alto Risco	88
2.3 <i>Contexto Pessoal Vulnerável</i>	89
2.4 <i>Contexto Pessoal Resistente</i> versus <i>Vulnerável</i>	94
4.1 <i>Reagindo a Fatores de Risco e Influências</i> Externas	163
4.2 Luta Pela Metodologia de Trabalho da Paz	167
4.3 Modelo Urbano / Regional	175

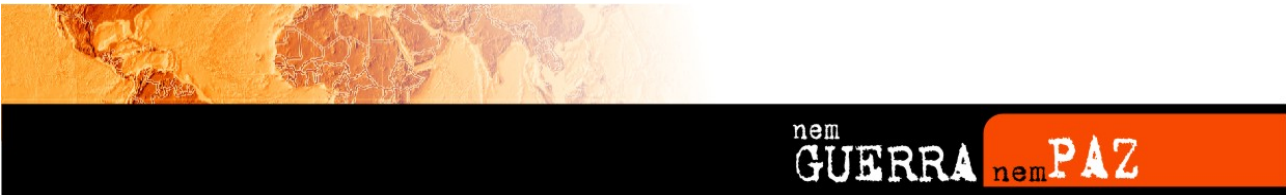


TABELAS

1.1	Comparação de Grupos Armados	21
1.2	Perfis de Áreas de Estudo	22
1.3	Localização das Áreas de Estudo	24
2.1	<i>Riscos e Influências</i> Externos	87
2.2	As Funções de Trabalho de Jovens nos Grupos Armados Organizados	109
3.1	Mortes relacionadas a armas de fogo, de homens entre 15-24 anos de idade, por bairros do município do Rio de Janeiro, comparadas à mesma faixa etária em toda a cidade, 2003	140

GRÁFICOS

1.1	Escala de Importância Para Critérios Comparativos	57
1.2	Tipologia dos Grupos Armados	58
3.1	Mortes por causas externas como porcentagem de todas as mortes entre a população total de Chicago, El Salvador, Colômbia, Medellín, Irlanda do Norte e Rio de Janeiro	131
3.2	Mortes por causas externas como porcentagem de todas as mortes, entre a faixa etária com menos de 18 anos, em Chicago, El Salvador, Colômbia, Medellín, Irlanda do Norte e Rio de Janeiro	132
3.3	Mortes relacionadas a armas de fogo, como porcentagem de todas as mortes por causas externas, entre a população total de Chicago, El Salvador, Colômbia, Medellín, Irlanda do Norte e Rio de Janeiro	133
3.4	Mortes relacionadas a armas de fogo, como porcentagem de todas as mortes por causas externas, entre a faixa etária com menos de 18 anos em Chicago, El Salvador, Colômbia, Medellín, Irlanda do Norte e Rio de Janeiro	134
3.5	Índices de mortalidade por 100.000 habitantes, por sexo e faixa etária distinta, em El Salvador para o ano de 2000	135
3.6	Índices de mortalidade relacionada a armas de fogo por 100.000 habitantes, por sexo e faixa etária distinta, na Irlanda do Norte para o ano de 2002	135
3.7	Índices de mortalidade relacionada a armas de fogo por 100.000 habitantes, por sexo e faixa etária distinta, na Colômbia para o ano de 2002	135
3.8	Índices de mortalidade relacionada a armas de fogo por 100.000 habitantes, por sexo e faixa etária distinta, no Rio de Janeiro para o ano de 2002	136
3.9	Índices de mortalidade relacionada a armas de fogo por 100.000 habitantes, por sexo e faixa etária distinta, em Chicago para o ano de 2001	136
3.10	Índices de mortalidade relacionada a armas de fogo por 100.000 habitantes para a população geral de Chicago, El Salvador, Colômbia, Medellín, Irlanda do Norte e Rio de Janeiro	137
3.11	Índices de mortalidade relacionada a armas de fogo por 100.000 habitantes, para a faixa etária com menos de 18 anos, em Chicago, El Salvador, Colômbia, Medellín, Irlanda do Norte e Rio de Janeiro	138



FOTOGRAFIAS

1.1 <i>Pandilleros</i> Armados, Honduras (1)	12
1.2 Tortura de um membro de OPC, Nigéria	39
1.3 Membros de OPC, Nigéria	49
2.1 <i>Pandillero</i> tatuado, El Salvador	77
2.2: Membros armados da CVO, Filipinas	104
2.3: <i>Pandilleros</i> armados, Honduras (2)	110
4.1: Operação policial no Morro da Providência, Rio de Janeiro	148

PREFÁCIO

O crescente engajamento de crianças e adolescentes na violência armada organizada está, infelizmente, tornando-se mais comum em algumas regiões do mundo. Esse engajamento não apenas ameaça as comunidades que podem ficar expostas à violência perpetrada por esses grupos, mas causa com frequência danos e até mata crianças e adolescentes que estejam diretamente envolvidos. O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, de 2002, demonstrou claramente que, nos últimos dez anos, jovens de 15 a 24 anos são as vítimas mais frequentes de homicídios em todo o mundo. Em alguns países, mesmo as maiores conquistas para redução da mortalidade infantil nos primeiros anos não tiveram impacto sobre a expectativa média de vida, porque esses ganhos foram anulados pelos índices crescentes de homicídios entre adolescentes e jovens. Esses níveis de violência são inaceitáveis; eles podem ser evitáveis; e devem ser urgentemente solucionados.

Para se reagir efetivamente a essa forma crescente de violência, em primeiro lugar, é necessário compreender as raízes e as conseqüências que caracterizam o contexto em que essa violência está ocorrendo, e aumentando. É preciso entender quando, como e por que crianças e adolescentes estão participando da violência armada organizada. E por que grupos de jovens se tornam violentos. Essas perguntas podem, então, indicar respostas mais efetivas, que incluam uma reintegração mais apropriada dos envolvidos e como evitar o recrutamento de outros.

O estudo do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Violência contra Crianças, no qual tenho responsabilidade máxima, foi concebido para juntar pesquisas existentes e informações relevantes sobre as formas, causas e o impacto da violência que afeta crianças e jovens, e para indicar medidas de prevenção, intervenção e recuperação comprovadas e promissoras. O estudo vai tratar de todas as formas de violência, exceto a situação das crianças envolvidas em conflitos armados ou em guerras, já que isso foi estudado anteriormente por Graça Machel. Entretanto, grupos de crianças e adolescentes envolvidos com a violência armada organizada representam um problema que será tratado pelo estudo da ONU.

Como o título desta publicação indica, o fenômeno dos jovens engajados na violência armada organizada não corresponde ao nosso entendimento geral de “guerra” — mas está além da nossa compreensão geral de “paz”. Em algumas regiões do mundo, os níveis de insegurança relacionados a esse problema estão tornando a violência juvenil uma das prioridades máximas na agenda dos governos. Medidas especiais estão sendo consideradas, em especial, a fim de reprimir as gangues de jovens; algumas delas entram em conflito com os padrões internacionais básicos e os avanços feitos desde que a Convenção sobre os Direitos das Crianças foi ratificada. Como este relatório mostra, a busca de soluções rápidas e repressivas para esse problema de profunda complexidade pode agravar a situação atual.

Numa missão recente à região da América Central, por exemplo, foi possível observar as conseqüências dessas medidas repressivas. Com frequência, jovens são detidos com base apenas na *suspeita* de serem membros de gangues ou de *pandillas*. E o estado calamitoso dos centros de detenção juvenil é exacerbado pela incapacidade de lidar com o número crescente de internos.

Essa situação é complicada. Agir sem entender os fatores de risco por detrás dessa violência pode ser inútil e algumas vezes perigoso. Este estudo traz as histórias pessoais de vida dos membros de gangue, oferecendo vislumbres de influências, motivações e medos. Esses vislumbres são, com muita frequência, ignorados por investidas políticas amplas e pela própria retórica política.

Entre as medidas sugeridas por este estudo encontram-se: a capacitação das comunidades; o controle de armas; políticas social e economicamente inclusivas, concentradas em zonas urbanas pobres; e educação direcionada em áreas vulneráveis. É necessário também garantir que os sistemas de

segurança e jurídico sejam não só mais eficientes, como também mais responsáveis e capazes de lidar com as gangues, de forma a se tornarem uma parte digna de crédito na solução. Como esta publicação também mostra, a violência e a corrupção do Estado são ingredientes perversos que criam um solo fértil para as atividades de gangue.

Acima de tudo, está-se lidando com questões cruciais de direitos humanos, e o sucesso no controle dessa forma emergente de violência se encontra diretamente relacionada à nossa capacidade de incorporar a perspectiva dos direitos humanos como elemento fundamental de todas as políticas, particularmente daquelas dirigidas aos jovens. As histórias de vida dos que ingressaram em grupos armados é quase que, invariavelmente, marcada por uma série de violações dos direitos humanos — muitos deles não tiveram qualquer acesso à educação, boa alimentação, habitação, assistência médica, segurança pessoal, proteção familiar ou a possibilidades de emprego. Em alguns casos, a gangue se torna o primeiro lugar em que eles se sentem respeitados e reconhecidos, em que podem encontrar diversão e ser protegidos por outros (apesar de toda a violência que os cerca).

Como *Nem guerra nem paz* revela, tentar voltar ao passado e usar apenas estratégias repressivas não vão funcionar. Em vez disso, é essencial ter políticas integradas e contínuas que possam construir um futuro mais positivo — políticas que cuidem da ausência de direitos básicos que inibe o desenvolvimento positivo dessas crianças. O respeito pelos direitos básicos para o desenvolvimento pleno de uma criança é um dos primeiros passos para a consolidação de uma sociedade verdadeiramente democrática e inclusiva. A situação descrita e analisada aqui deve ser entendida como uma convocação urgente para a ação, não apenas porque é preciso conter a violência dos grupos armados de jovens, mas também porque crianças e adolescentes necessitam ter seus direitos plenamente respeitados.

Paulo Pinheiro

Consultor Independente

Estudo sobre Violência contra Crianças do Secretário-Geral da ONU

NOTA DO AUTOR

Luke Dowdney

Durante este estudo ficou claro que, embora seja vantajoso comparar os grupos armados investigados e os seus membros, jovens e velhos, essas comparações devem ser feitas com certo cuidado. Sejam os *maras* da América Central ou as milícias étnicas da Nigéria, os grupos investigados neste estudo apresentam semelhanças de causalidade e função. Entretanto, tratar esses grupos ou as pessoas que os constituem apenas como entidades homogêneas seria problemático.

Embora sempre referidos como os “grupos armados” investigados, espero que os capítulos a seguir demonstrem que esses grupos são muito mais que isso e que, se entendidos através de apenas uma dimensão, essa categorização vai limitar muito a compreensão do leitor em relação à sua heterogeneidade. Apesar de perigosos, os grupos apresentados possuem certos atributos positivos para aqueles que pertencem a eles e, em alguns casos, até para os que não pertencem. Com frequência eles preenchem funções sociais, políticas e econômicas dentro das comunidades que dominam. Da mesma forma, a maior parte deles oferece a jovens excluídos um caminho rápido para alguma forma de pertencimento ou inclusão social, política ou econômica mesmo que limitada. Eles também oferecem estímulo e diversão em locais onde muitas vezes não há muito o que fazer. Contudo, eles são também estruturas violentas, usando armas de fogo como forma de progredir, armando menores e utilizando-os em confrontos armados.

Da mesma forma que os grupos compartilham semelhanças e diferenças, o mesmo acontece com seus membros. No interior de cada grupo, eles não formam uma unidade homogênea. As identidades múltiplas do jovem “membro de gangue”, *pandillero* ou empregado do tráfico de drogas não devem se perder em generalizações que sirvam o propósito de comparações e elaboração de políticas. Vítimas da violência nos ambientes em que são criados, eles próprios são também autores de atos de violência frequentemente brutais. Se formos representar corretamente as várias identidades e diversas ações desses jovens, não devemos vitimizá-los ou vilipendia-los.

Em todos os países, membros desses grupos compartilham de muitas experiências similares, e essas semelhanças são uma pista importante para entender suas motivações e realidades de trabalho. Embora não seja uma tarefa fácil, compreender essas diversidades e semelhanças inerentes é necessário. Pelo que sabemos, dois dos entrevistados foram mortos antes que o trabalho de campo para esse estudo fosse completado. Rudy,¹ um dos entrevistados e membro de uma Organização Voluntária Civil (CVO em inglês), foi morto num tiroteio entre sua CVO, forças do governo e a MILF² na província de Maguindanao, nas Filipinas, em 16 de dezembro de 2003. Sandra Sewell, um membro da Jungle 12, estudante universitária e ativista social, foi aparentemente baleada nas costas pela Força de Defesa Jamaicana em Kingston, em 19 de setembro de 2004. Devido a seu envolvimento com a violência armada organizada, milhares de outras crianças e jovens morreram durante este estudo. Se as comparações contextuais, a seguir, dos grupos armados organizados e do envolvimento dos jovens dentro deles forem, de alguma forma, úteis no tratamento desse problema crescente, então este estudo terá servido no seu propósito.

¹ Um pseudônimo.

² Frente de Libertação Islâmica Moro (MILF em inglês).

INTRODUÇÃO

RIO DE JANEIRO E MAIS LONGE

O estudo apresentado aqui é o resultado de um processo que começou há mais de quatro anos. De novembro de 2001 a agosto de 2002, o Viva Rio e o ISER realizaram uma pesquisa sobre a função de crianças e adolescentes nas quadrilhas de traficantes baseadas em favelas. Essa pesquisa levou à publicação de *Crianças do Tráfico: Um Estudo de Caso de Crianças em Violência Armada Organizada no Rio de Janeiro*.³

O estudo de caso no Rio de Janeiro foi importante por algumas razões: embora não se encontre em guerra, há no momento mais pessoas (e especificamente crianças) morrendo em decorrência do disparo de armas de pequeno porte na cidade do que em muitos conflitos armados de pouca dimensão em outros lugares⁴; embora elas não sejam grupos armados de orientação política, como os encontrados em muitas guerras civis, as quadrilhas de traficantes do Rio são uma presença territorial e paramilitar ostensivamente armada na maioria das favelas⁵ na cidade; e o tipo de armas leves e de pequeno porte, usado por todos os lados nos conflitos diários entre facções rivais e a polícia, é o mesmo encontrado em qualquer conflito civil.

A pesquisa original do Viva Rio discute a história, a estrutura e a organização das quadrilhas de traficantes, baseadas nas favelas do Rio de Janeiro. Ao fazer isso, as funções de crianças e adolescentes são apresentadas, e numerosas semelhanças entre as “crianças soldado” e as 5.000 crianças e adolescentes, trabalhando para as quadrilhas de traficantes, são apontadas. Essas semelhanças incluem: a dinâmica⁶ de recrutamento “voluntário”; idade (com foco sobre a faixa etária que vai de 15 a 17 anos); o trabalho dentro de uma estrutura hierárquica reforçado por ordens e punições; o pagamento por serviços; o recebimento de uma arma; o estado de prontidão vinte e quatro horas por dia; a sobrevivência numa realidade de matar ou morrer; crianças cada vez mais jovens sendo usadas em funções armadas; e o envolvimento em confrontos armados.⁷

Apesar dessas semelhanças, entretanto, o estudo conclui que a categorização de crianças que trabalham para quadrilhas como “crianças-soldado” seria problemática, já que o Rio de Janeiro não se encontra em estado de guerra; embora mantendo um certo grau de controle sociopolítico em muitas favelas, as quadrilhas de traficantes não têm objetivos políticos definidos nem interesse manifesto em substituir o Estado. Além disso, apesar de sua própria categorização como tal⁸, se classificarmos essas crianças como “soldados”, podemos estar legitimando os níveis já altos de

³ Dowdney, L.T, *Crianças do Tráfico: Um Estudo de Caso de Crianças em Violência Armada Organizada no Rio de Janeiro*, Viva Rio / ISER, 7 Letras, Rio de Janeiro, 2003. Cópias em formato PDF estão disponíveis em inglês, espanhol e português em www.coav.org.br, na seção “Artigos”.

⁴ Por exemplo, o Stockholm International Peace Research Institute estima que, de 1978 a 2000, um total de 39.000 pessoas morreram em decorrência do conflito civil na Colômbia. No mesmo período, um total de 49.913 pessoas morreram de disparos de armas de pequeno porte no município do Rio de Janeiro, Brasil (DATASUS - Ministério da Saúde, Secretaria da Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro). Ver Dowdney 2003: 114-117.

⁵ Áreas pobres.

⁶ Recrutamento voluntário refere-se, neste caso, a situações em que crianças podem estar optando por emprego em quadrilhas de traficante devido à falta de outras opções.

⁷ Dowdney 2003: 202-209

⁸ Há uma terminologia muito específica usada pelas quadrilhas de traficantes para certas posições de trabalho que se assemelham a um sistema de gradação. Uma delas é “soldado”.

força letal usados pelo Estado contra elas. O estudo observa que existem, também, muitas semelhanças entre crianças e jovens que trabalham para quadrilhas de traficantes e membros de gangues em centros urbanos, nos Estados Unidos e em outros lugares. Todavia, a estrutura de comando das quadrilhas de traficantes, os níveis de confrontos armados e o domínio e poder territorial sobre a população local apresentam uma semelhança longínqua com as noções tradicionais de “grupos de adolescentes da mesma idade”. Descrever menores que recebem armas de guerra e um salário, para andarem abertamente armados no interior de uma comunidade favelada em patrulhamento defensivo, como “delinquentes juvenis” parece também inadequado.

Apesar de semelhanças com ambas as categorias semânticas, definições como “criança-soldado” ou “delinquente” não representam corretamente o número crescente de crianças e jovens, no Rio de Janeiro e no mundo, que participam de grupos armados organizados, atuando fora das zonas de guerra tradicionalmente definidas. Intimidados a encontrar uma solução para esse problema, durante o “Seminário sobre Crianças Afetadas pela Violência Armada Organizada”, realizado pelo Viva Rio em setembro de 2002, os participantes⁹ internacionais concordaram sobre uma *definição de trabalho* para crianças e adolescentes que trabalham nas quadrilhas de traficantes, do Rio, e para aquelas em grupos armados semelhantes de outros lugares: *Crianças e Jovens na Violência Armada Organizada (COAV) – “Crianças e jovens empregados ou participantes da Violência Armada Organizada, em que haja elementos de uma estrutura de comando e poder sobre território, população ou recursos locais.”* Os participantes internacionais também notaram a importância de se registrar a ocorrência e comparar situações semelhantes desse problema em outros países.

Nesses contextos, as definições podem ser problemáticas, limitadoras e até perigosas, já que seu uso pode determinar o tratamento daquilo que elas buscam definir. Conseqüentemente, elas se tornam tão práticas quanto conceituais. Porém, definições são importantes porque através delas podemos começar a obter um entendimento melhor daquilo com que estamos lidando, e é apenas através desse processo que o “tratamento” pode ter sucesso. As definições, portanto, devem ser empregadas onde são necessárias, mas não vistas como verdades obrigatórias. Neste caso, uma definição de trabalho possibilitou o estabelecimento de parâmetros semânticos, para a comparação do envolvimento de crianças e jovens, na violência armada em diversos países, com os grupos armados apresentados aqui. O propósito principal dessa comparação é o “tratamento” do problema. Com um objetivo prático tão importante, este estudo evita fazer um julgamento moral com relação aos atos violentos e até homicidas de crianças e jovens na violência armada organizada. Ao discutir o envolvimento repressivo e freqüentemente letal das forças do Estado, dentro do universo descrito, o estudo tenta também fazê-lo sem inclinações morais. Aceitando a diversidade e heterogeneidade dos grupos investigados, os objetivos do estudo são:

- 1) Identificar regiões afetadas por COAV;
- 2) Aumentar o conhecimento sobre COAV e gerar novos dados sobre as manifestações do problema no país/região específica;
- 3) Compartilhar informações, identificar programas-piloto bem sucedidos e favorecer o desenvolvimento de programa para tratar o problema de COAV;
- 4) Criar capacidade de pesquisa com relação a COAV entre médicos/praticantes nas regiões afetadas;
- 5) Identificar as tendências de COAV em termos globais e de região específica;

⁹ Ver “Metodologia” para a lista completa de participantes.

- 6) Criar conscientização sobre COAV, a fim de que a situação seja reconhecida, mais bem compreendida e incluída na agenda de proteção às crianças;
- 7) Produzir diretrizes politicamente orientadas para elaboradores de políticas, no fórum internacional, a fim de implementar medidas práticas no tratamento do problema.

Na tentativa de se conseguir esses objetivos, este estudo é o resultado de parcerias com vários pesquisadores locais. O processo do estudo resultou também na criação de www.coav.org.br, um serviço de notícias atualizadas diariamente em inglês, espanhol e português que tem se concentrado em notícias, entrevistas, opiniões, exemplos de boas práticas de projetos e políticas relacionados a essa questão, desde julho de 2003.

Não há dúvida de que há lugar para mais estudos nessa área, talvez mais teóricos ou acadêmicos em seus objetivos e discursos. Aceitando suas limitações, este estudo visa ser um ponto de partida para a comparação dos grupos armados organizados e das crianças e dos jovens que os constituem. Essas comparações podem, enfim, necessitar ir mais longe se programas inovadores para o tratamento desse problema forem criados e implementados com sucesso.



Fotografia 1.1 - 'Pandilleros' armados, Honduras / Jha-Ja 2004.

'Pandilleros' da gangue Barrio 18 são protagonistas e vítimas da violência em Honduras. Isso pode ser comprovado nos sinais vistos nesta fotografia tirada por companheiros de gangue.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi originalmente planejada para ser um estudo¹⁰ de avaliação rápida, baseado em dados qualitativos, coletados dentro e fora de campo, e dados quantitativos relevantes sobre saúde pública quando possível. Embora a coleta de dados devesse originalmente ser completada em cinco meses, devido à natureza do grupo investigado, certas dificuldades de campo foram encontradas e, conseqüentemente, a coleta 12 meses para se completar. Todos os parceiros locais que coletaram dados têm uma longa história de experiência de campo, sem o que eles não teriam sido capazes de assegurar esses altos níveis de acesso aos grupos investigados. Em decorrência desses dois fatores, este estudo se tornou mais “profundo” do que o originalmente planejado.

Parâmetros semânticos: os parâmetros semânticos para estudos de caso de crianças e jovens em situação de violência armada organizada, a serem incluídos neste estudo, foram determinados por participantes do Seminário sobre Crianças Afetadas por Violência Armada Organizada, nos dias 9 e 10 de setembro de 2002, organizado pelo Viva Rio, no Rio de Janeiro, Brasil.¹¹ Um consenso majoritário foi alcançado sobre a categorização abaixo, a fim de que ela atue como uma definição de trabalho para crianças que não se encontram em situação de guerra e pertencem a grupos de violência armada.

Crianças e jovens¹² empregados, ou participando de outra forma, na Violência Armada Organizada, em que haja elementos de uma estrutura de comando e de poder sobre território, população ou recursos locais.

A definição de idade para “jovem” pode ser específica em cada país, entretanto, informantes deste estudo, envolvidos com grupos armados organizados, incluíam crianças com menos de 18

¹⁰ Scrimshaw, Susan & Elena Hurtado, Rapid assessment procedures for nutrition and primary health care: anthropological approaches to improving programme effectiveness, Reference series; v. 11 (UCLA Latin American Center Publications (Firm)); Tokyo: United Nations University; Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, University of California, c1987.

¹¹ Nesse seminário, o Viva Rio apresentou resultados do estudo *Crianças do Tráfico: Um Estudo de Caso de Crianças em Violência Armada Organizada no Rio de Janeiro* (Dowdney 2003). Os participantes do seminário incluíam organizações não governamentais e órgãos do governo brasileiro, como representantes do sistema de justiça juvenil do estado — incluindo o Departamento Geral Para Ações Sociais e Educacionais e o 2º Distrito Civil Para Adolescentes e Jovens — e as seguintes organizações não governamentais, fundações, representantes de governos estrangeiros e agências da ONU: Coalition to Stop the Use of Child Soldiers (CSC) - Regional and Colombian offices; Human Rights Watch; International Alert; Save the Children Sweden; Save the Children UK; DFAIT and CIDA of the Canadian Government; United Nations Office of the Special Representative of the Secretary-General for Children in Armed Conflict; Quaker United Nations Office in Geneva; UNESCO Brazil; UNICEF – Regional Office for Latin America and the Caribbean; UNICEF – Brazil Office; International Action Network on Small Arms (IANSA); The Ford Foundation; World Vision; Association for the Reconstruction of Hope (Associação Reconstruindo a Esperança) Mozambique.

¹² A palavra “jovem” foi acrescentada à definição de trabalho, que originalmente incluía apenas “crianças”, na oficina de treinamento organizada pelo Viva Rio, no Rio de Janeiro, de 21 a 24 de julho de 2003, para pesquisadores que participaram deste estudo. Os participantes sentiram que era importante incluir a palavra “jovem”, a fim de representar pessoas jovens com mais de 18 anos que possam ter se envolvido com a violência armada organizada quando ainda eram menores, e para refletir o fato de que a maioria dos envolvidos nos grupos armados do tipo investigado aqui é, na verdade, composta por pessoas e não crianças.

anos e jovens com mais de 18, que haviam se envolvido quando ainda eram menores. “Empregado” pode ser entendido como envolvendo remuneração financeira ou outros tipos de pagamento “em mercadoria”. “Participação” inclui casos em que crianças ou jovens são envolvidos sem receber qualquer tipo de pagamento, embora tenham envolvimento funcional de algum tipo. “Poder sobre” é entendido como um certo nível de dominação sobre a população, o território ou os recursos locais. “Violência armada” se refere à violência que envolve especificamente o uso de armas leves e de pequeno porte (revólveres). “Violência armada” pode também incluir a ameaça de violência pelo uso de atores abertamente armados, a fim de solicitar controle/domínio, além de confrontos armados nos quais armas de fogo são disparadas.

Considerando-se essa definição de trabalho, e para os objetivos deste estudo, os casos a seguir não foram levados em conta para inclusão: situações de guerra declarada, em que as crianças envolvidas nos conflitos armados são categorizadas como “crianças-soldado”¹³; e indivíduos envolvidos com violência armada que não se reconhecem como pertencendo a um grupo com estrutura de comando e algum grau de poder sobre territórios, população ou recursos locais.

Seleção de estudos de caso: em abril de 2003, um “pedido de informação” foi enviado por *e-mail* para institutos de pesquisa, redes de proteção infantil, ONGs e agências internacionais do mundo todo, pedindo informações sobre o envolvimento de crianças, em grupos armados, que agem fora das situações tradicionalmente definidas como de “guerra”. Organizações locais dos seguintes países enviaram relatórios, indicando algum nível de envolvimento de menores com diversos tipos de grupos armados: EUA; Haiti; Jamaica; Colômbia; Guatemala; Honduras; El Salvador; Nicarágua; Angola; Serra Leoa; Nigéria; África do Sul; Filipinas; Rússia; e Irlanda do Norte. Essas informações foram analisadas por um grupo¹⁴ de trabalho, a fim de verificar até que ponto as situações apresentadas estavam dentro dos parâmetros semânticos deste estudo. Foram também feitas considerações com relação à severidade do problema, ao acesso potencial para os informantes, tanto adultos como menores trabalhando diretamente para os grupos, e à capacidade de pesquisa da organização parceira local. Os estudos de caso selecionados estão listados na Parte I. Os pesquisadores locais selecionados são apresentados através dos Relatórios de Países, na Parte V.

Oficina de treinamento: os parceiros de pesquisa selecionados foram convidados pelo Viva Rio para uma oficina de treinamento no Rio de Janeiro, de 21 a 24 de julho de 2003. A oficina tinha como objetivo: facilitar a troca de informações e propiciar a compreensão dos participantes sobre as

¹³ Estudos de caso de Organizações Voluntárias Cívicas (CVOs), que agem como exércitos particulares nas Filipinas, e *bandas delinquentes*, sob controle de grupos paramilitares, com bases urbanas em Medellín, na Colômbia, foram incluídos. Embora ainda inserindo-se na definição de trabalho, esses dois estudos de caso são em países em conflito armado e, em algumas situações, as crianças desses grupos podem também estar envolvidas nesses conflitos. Entretanto, tanto nas Filipinas quanto na Colômbia, os membros infantis desses grupos não são reconhecidos pelas autoridades como “crianças-soldado”.

¹⁴ Consistindo dos seguintes membros: Per Tamm, Regional Director, Latin America, Save the Children Sweden; Denise Stuckenbruck, Communications Officer, Latin America, Save the Children Sweden; Rubem César Fernandes, Executive Director, Viva Rio; Luke Dowdney, Programme Co-ordinator COAV, Viva Rio; Rebecca Peters, Director, IANSA; Michael Bochenek, Counsel, Children’s Rights Division, Human Rights Watch; Jo Becker, Advocacy Director, Children’s Rights Division, Human Rights Watch; Rachel Brett, Associate Representative, Human Rights and Refugees, Quaker United Nations Office; Lisa Monteiro, Coalition to Stop the Use of Child Soldiers; Massimo Toschi, Office of the Special Representative of the Secretary-General for Children and Armed Conflict United Nations; Bart Vrolik, Programme Officer Latin America, Office of the Special Representative of the Secretary-General for Children and Armed Conflict United Nations.

manifestações do problema específico de cada país; discutir os critérios que definem os estudos de caso de países para incluí-los na pesquisa; e chegar a um consenso sobre a coleta de dados, a metodologia de pesquisa e a redação de relatórios para o projeto. O Viva Rio apresentou aos participantes um planejamento metodológico qualitativo e quantitativo para o estudo, e a estrutura a seguir foi aprovada.

Estrutura Metodológica

Pesquisas anteriores provaram a necessidade de se usar diversas técnicas para se coletar dados relevantes para a violência armada. Portanto, a coleta local de dados incluiu uma combinação de fontes bibliográficas e de outros documentos, assim como outras formas de dados qualitativos e quantitativos primários e secundários indicados abaixo. Embora o alcance do estudo estivesse predefinido e predeterminado, a metodologia de coleta de dados inferiu adaptações para levar em conta a realidade local. A coleta de dados ocorreu de setembro de 2003 a agosto de 2004.

Coleta de dados qualitativa: o estudo foi realizado em três estágios, cada um correspondendo a um módulo de pesquisa, que culminaram na apresentação dos resultados locais, através de um relatório enviado por *e-mail* ao Viva Rio. A finalização dos três módulos compreendeu um Relatório de País completo. Cada Relatório de País foi editado pelo Viva Rio, a fim de fornecer um capítulo para esta publicação. Os Relatórios de Países completos podem ser encontrados em www.coav.org.br.

O **Módulo I** consistiu de um resumo contextualizado caracterizando a manifestação local de violência armada organizada. As variáveis de pesquisa para o Módulo I consistiram de tópicos definidos para os seguintes temas: perfil da área de estudo (país/cidade/comunidade); breve análise histórica da situação; grupo(s) armado(s) envolvido(s); estrutura de comando do(s) grupo(s) armado(s); relações entre grupo(s) e comunidade; papel do Estado nas atividades do grupo(s); atividades econômicas do grupo(s); envolvimento do grupo(s) em confrontos armados; outros. As fontes de dados exatos para a finalização desse módulo variaram em cada país, embora todos os pesquisadores locais utilizassem sempre que possível o que se segue: pesquisas publicadas; informações da mídia; relatórios policiais; entrevistas com adultos envolvidos em grupos armados / membros da comunidade não envolvidos com grupos armados / forças policiais e do Estado que são atores na situação / ex-membros de grupos armados; e observações dos participantes. A análise comparativa dos dados do Módulo I é apresentada na Parte I desta publicação.

O **Módulo II** consistiu de uma coleta de dados qualitativos por meio de entrevistas formais (semi-estruturadas) e informais com crianças e jovens envolvidos em grupos armados organizados. Os informantes foram abordados de maneira que tanto entrevistadores quanto informantes corressem um mínimo de risco. Todos os pesquisadores locais selecionados tinham experiência, em seus países, de trabalho com situações e temas semelhantes, e foi mantida uma descrição individual com relação à abordagem e à entrevista com os informantes.¹⁵

Os informantes tinham basicamente menos de 18 anos de idade, embora jovens mais velhos, com história de envolvimento datando da infância/adolescência, fossem também entrevistados. O gênero dos entrevistados tendeu a refletir a relação de gênero dos envolvidos, já que a maioria dos

¹⁵ Isso incluiu: negociar com adultos/líderes por meio de intermediários antes de falar com crianças e jovens; ser transparente para as crianças/comunidades sobre o estudo; entrevistar as crianças fora de suas comunidades ou em espaços neutros quando necessário; perguntar a elas se sua segurança não seria posta em risco; e ser cauteloso para não deixar as crianças emocionalmente vulneráveis por causa das perguntas.

informantes foi selecionada ao acaso. O Viva Rio não estipulou um número específico de entrevistas formais ou não formais para ser realizado pelos pesquisadores locais. Entretanto, um mínimo de dez entrevistas não formais e formais foi conduzido em cada estudo de caso, perfazendo uma soma de 120 entrevistas no total de todos os estudos de caso. Como apresentado na tabela a seguir, 111 dos entrevistados eram homens e nove, mulheres.

País	Homens entrevistados	Mulheres entrevistados
Estados Unidos	12	2
El Salvador	10	2
Equador	10	2
Colômbia	10	1
Brasil	25	-
Jamaica	8	1
Nigéria	19	-
África do Sul	7	1
Filipinas	10	-
Total	111	9

As entrevistas formais não foram roteirizadas. Entretanto, a fim de facilitar as análises nos países, entrevistas semi-estruturadas seguiram tópicos definidos dentro das seguintes variáveis: História pessoal (familiar/educacional/econômica); Processo de envolvimento (incluindo idade; método de recrutamento; estágios de desenvolvimento; razões alegadas para o envolvimento); Funções de trabalho (incluindo a posição dentro da organização estrutural/hierárquica do grupo; função(s) realizada(s); pagamento); Violência armada (incluindo tipo de arma de fogo utilizada; arma comprada/roubada/dada; treinamento recebido; experiência em confrontos armados); e Perspectivas futuras (desejo do entrevistado de se manter envolvido no futuro). A análise comparativa dos dados no Módulo II é apresentada na Parte II desta publicação.

O **Módulo III** consistiu na indicação de políticas públicas importantes, especificamente planejadas ou sendo utilizadas para lidar com crianças e jovens, envolvidos com a violência armada organizada, nos países cobertos pelo estudo. As avaliações das políticas incluíram entrevistas com funcionários de governo locais quando possível. Os pesquisadores foram também orientados a enfatizar dois estudos de caso de boas práticas, envolvendo projetos (da sociedade civil/governo ou outros) que trabalham com o grupo-alvo em sua localidade. A avaliação dos projetos foi feita através de visitas de campo e entrevistas com as equipes e os beneficiários do projeto, baseadas nos seguintes indicadores: objetivos; metodologia; atividades; produção; e resultados. Os pesquisadores foram também orientados a fazer sugestões claras e realizáveis para melhoria das políticas/práticas em nível local. A análise comparativa dos dados do Módulo III é apresentada na Parte IV desta publicação.

Além da coleta de dados por parceiros locais nos países incluídos pelo estudo, informações relacionadas do mundo todo foram coletadas diariamente durante o estudo, através da Internet por três jornalistas profissionais, trabalhando na página www.coav.org.br, do Viva Rio, sobre crianças e jovens envolvidos com a violência armada organizada. Essas informações foram parcialmente utilizadas para este relatório e também exibidas diariamente, através de notícias na página em

inglês, espanhol e português. Durante todo o estudo, boletins eletrônicos foram enviados duas vezes por semana para um total de 7.959 assinantes em todo o mundo.¹⁶

Coleta de dados quantitativos: durante o estudo, parceiros locais e o Viva Rio coletaram estatísticas de saúde pública, relacionadas à mortalidade por causas externas (incluindo aquelas ligadas a armas de fogo) nas categorias utilizadas pela Organização Mundial de Saúde (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, décima revisão (ICD-10)), desagregadas por áreas geográficas relevantes (quando possível), gênero e faixa etária relevantes para o estudo. As categorias que foram incluídas para coleta de dados estão indicadas na Parte III.

Limitações: um estudo de caso de grupos armados, no Haiti, financiados pelo estado e politicamente orientados, conhecidos como organizações populares ou *chimera*, e de gangues criminosas baseadas na comunidade, chamadas de *zenglendo*, ambos notoriamente armando adolescentes e utilizando seus serviços, foi incluído no processo de pesquisa. A pesquisa sobre esses grupos armados do Haiti foi, entretanto, descontinuada devido a ameaças de morte feitas ao pesquisador local e a preocupações com sua segurança.

O acesso a adolescentes armados, trabalhando supostamente em nome de grupos paramilitares na Irlanda do Norte, ou a membros de grupos paramilitares desejosos de comentar essa situação, não foi obtido e, em decorrência, esse estudo de caso não está incluído na análise comparativa.¹⁷ Um capítulo sobre a situação na Irlanda do Norte é, contudo, apresentado.

Embora as *maras* e *pandillas*, de Honduras, fossem investigadas e incluídas como um estudo de caso comparativo, as entrevistas com membros crianças e jovens ficaram limitadas, devido à falta de acesso causada pela grande repressão policial, de acordo com a política antegangue do governo. Por essa razão, embora adolescentes armados e *pandilleros* jovens fossem entrevistados e fotografados pelos pesquisadores, entrevistas não puderam ser gravadas e, conseqüentemente, não há depoimentos dos *pandilleros* hondurenhos na Parte II. Além disso, como a coleta de dados não foi terminada, não há um capítulo no relatório dos países sobre Honduras, na Parte V.

Houve também certas limitações, encontradas durante a coleta de dados quantitativos, que estão brevemente indicadas na Parte III.

¹⁶ Este foi o número total de assinantes registrado em dezembro de 2004.

¹⁷ Taxas de mortalidade ligadas a armas de fogo e outros dados quantitativos relacionados foram coletados por pesquisadores locais na Irlanda do Norte. Portanto, a Irlanda do Norte está incluída na análise comparativa dos dados relevantes de saúde pública na Parte III.

COMO USAR ESTE LIVRO

Esta publicação visa tratar questões relevantes para profissionais que trabalham em áreas relacionadas a crianças e jovens envolvidos com a violência armada organizada, estejam eles no setor público, acadêmico, privado ou organizado da sociedade civil. Em virtude das limitações de tempo que muitos profissionais encontram em sua rotina de trabalho, a publicação foi estruturada em formato prático e fácil de usar.

As Partes I-IV estão baseadas na análise comparativa de variáveis¹⁸ de pesquisa, de todos os grupos armados investigados, nos diferentes países cobertos por este estudo. Assim, as Partes I-IV visam identificar semelhanças e diferenças nos grupos estudados e em seus membros crianças e jovens entrevistados, assim como encontrar tendências comuns nas políticas elaboradas ou utilizadas para tratar do problema. Para uma compreensão total do tema investigado, os capítulos devem ser lidos consecutivamente. Entretanto, o leitor pode preferir ler apenas alguns capítulos, dependendo de interesses particulares em uma ou mais das variáveis de pesquisa tratadas aqui. Quando as variáveis de pesquisa precisam ser inter-relacionadas para melhor compreensão de certos tópicos nelas, notas de rodapé, como “Ver ‘Áreas de perfil de estudo’”, vão direcionar o leitor para o capítulo necessário.

A Parte V consiste de Relatórios de Países, escritos por parceiros locais de pesquisa, que fornecem uma apresentação mais completa de cada estudo de caso. Não é necessário ler a Parte V para se obter uma compreensão adequada da análise comparativa, apresentada nas Partes I-IV, e das conclusões e recomendações apresentadas na Parte VI. O leitor pode escolher ler um ou alguns dos capítulos da Parte V que sejam de interesse pessoal ou profissional. Entretanto, ler todos ou alguns dos capítulos da Parte V vai aumentar consideravelmente a compreensão do leitor sobre o tema investigado. Por razões logísticas, os capítulos da Parte V são versões resumidas dos Relatórios de Países completos, que podem ser encontrados em sua totalidade em www.coav.org.br.

A Parte VI apresenta as conclusões do estudo. Ela faz também algumas recomendações de cunho político e prático, para os diversos atores que trabalham tratando do problema de crianças e jovens, envolvidos com a violência armada organizada em suas diversas, porém relacionadas, manifestações.

¹⁸ Ver “Metodologia”.